

JOÃO CARLOS OLIVEIRA
ENTREVISTA

LUÍSA
AMARO

RICARDO PARREIRA
ENTREVISTA

ANTÓNIO
PARREIRA

9ª EDIÇÃO | SETEMBRO '25

FADISTA

www.fadocale.pt

CARLOS PAREDES

TEXTOS

CUSTÓDIO CASTELO
HUGO GAMBOIAS
JOANA ALEGRE
BRUNO COSTA
JOÃO CARLOS OLIVEIRA
ASSOCIAÇÃO FADO CALE

MUSEU DO FADO
FESTIVAL CAIXA ALFAMA

FACALE
DO

JORNAL DO FUNDÃO



19
20
21
set

CHOCALHOS

FESTIVAL DOS CAMINHOS DA TRANSMÂNICA

ALPEDRINHA

19 SET
CONCERTO
XICO GAIATO

20 SET
CONCERTO
JÚLIO PEREIRA

21 SET
PASSEIO COM
REBANHO

cm-fundao.pt . visitfundao.pt



ANIMAÇÃO DE RUA | TASQUINHAS | CONCERTOS | GASTRONOMIA
OFICINAS DE ARTESÃOS | EXPOSIÇÕES | ARTESANATO | ESPAÇOS TEMÁTICOS

AO GRANDE PAREDES

Sinto-me privilegiado por guardar na memória este sentimento de saudade, por ter o merecimento de um final de noite com o mestre.

Estava a tocar no Lagar da Mouraria “Óbidos” quando de repente vejo um senhor entrar de sobretudo e óculos grandes segurando na mão esquerda o estojo de uma Guitarra Portuguesa e atentamente me observa...confesso que gelei, aliás pensei que estaria a sonhar...não tenho palavras para descrever o que senti, terminei a sessão para ir receber Carlos Paredes, o genial mestre Carlos Paredes.

Não acreditava que o Universo me apresentasse desta maneira, sim é verdade, o mestre estava ali, depois de cear, com a humildade que lhe era peculiar, pediu para tocar, e aí iniciou a aula/master que dura e guardo até hoje, partilhando a assim na Escola Superior de Artes com os alunos que me dão o gosto maior de amar a guitarra portuguesa. O INSTRUMENTO COM GENTE DENTRO segundo Carlos Paredes, o mesmo que tem a voz de um povo e o nome de um país.

PALAVRAS DE CARLOS PAREDES

“Já me tem sucedido fazer as pessoas chorar enquanto eu toco... E eu não com-

preendia isto, mas depois percebi que é a sonoridade da guitarra, mais do que a música que se toca ou como se toca, que emociona as pessoas”.

“As pessoas gostam de me ouvir tocar guitarra, a coisa agrada-lhes e aderem. Não há mais nada. A música que faço é um produto das circunstâncias imediatas do tempo em que eu vivo, e passará a ser encarada de outra forma quando essas circunstâncias desaparecerem. É uma coisa que, se perdurar graças aos discos, ficará apenas com o valor de documento, como acontece com toda a pequena música, desde os Beatles ao Manuel Freire. E já ficarei muito orgulhoso se, daqui a muitos anos, puder ser entendido como um compositor que se integrava bem nos acontecimentos desta época”

“A arte é de facto uma forma única, espantosa, de tornar simples e claras coisas extremamente complexas.”

“A música que eu faço tem normalmente a estrutura da pequena canção, da cançoneira. Por isso é que eu costumo dizer que sou um compositor de pequena música. É um termo que nunca utilizo no seu sentido pejorativo, mas que foi necessário, no critério de alguns musicólogos, para distinguir um determinado tipo de música, a que também se chama música ligeira, de um outro, a música clássica. Esta seria a ‘grande música’ e, como música ligeira me parece

por
Custódio
Castelo



um termo muito vago, então optei por lhe chamar ‘pequena música’. “Quando eu falo de pequena música, pretendo apenas qualificar uma música que, estruturalmente, é simples e que pode até ser, do ponto de vista estético, pouco apreciada, mas que não deixa de ser música. Se eu toco para várias pessoas que me ouvem com atenção, é porque lhes estou a dar prazer. E mesmo que esteticamente seja uma música menor, em termos de qualidade, não tenho que me envergonhar dela”

“Gosto demasiado da música para viver às custas dela.”

Homenagem a Carlos Paredes,
por Custódio Castelo



FICHA TÉCNICA

Edição: Fado Cale e Jornal do Fundão

Diretor Jornal do Fundão: Nuno Francisco

Coordenação: Leonel Barata

Design e paginação: Francisca Aranda e Diogo Pinto

Textos: Custódio Castelo, João Carlos Oliveira, Hugo Gamboias, Joana Alegre, Ricardo Parreira, Bruno Costa, Associação Fado Cale | Revisão: Leonel Barata e Teresa Fonseca

Tiragem: 8000 exemplares | Impressão: Grafisol | Encarte comercial com Jornal do Fundão

Contactos: Jornal do Fundão | Rua dos Restauradores, L. 14, Loja 1 r/c, 6230-496 Fundão

Telefone: 275 779 350 | Email: redacao@jornaldofundao.pt | www.jornaldofundao.pt

ÍNDICE

Cronologia Carlos Paredes	04
Entrevista Luísa Amaro	06
Uma Guitarra Portuguesa	09
A Guitarra que era Voz	12
Entrevista António Parreira	14
Mestre Paredes	18
Discografia Carlos Paredes	20
Museu do Fado	22
Festival Caixa Alfama	24

Carlos Paredes, o Homem, a Guitarra e o Tempo

Entre Coimbra, onde nasceu e passou a infância, e Lisboa, para onde a vida o levou, Carlos Paredes teve sempre a música por guia: primeiro o violino, depois o piano e a voz, até se entregar, definitivamente, à guitarra portuguesa.

1925 - Nasce em Coimbra, a 16 de fevereiro.

1931 - A família muda-se para Lisboa.

1935 - Inicia os estudos no Liceu Passos Manuel, onde conclui o 4.º ano.

1937 - Começa a aprender guitarra portuguesa com o pai e abandona as lições de violino.

1939 - Passa a colaborar, durante vários anos, no programa semanal de Artur Paredes na Emissora Nacional.

1943 - Realiza o exame de ingresso no Curso Industrial do Instituto Superior Técnico.



- Compõe a banda sonora da curta-metragem Rendas de Metais Preciosos, de Cândido Costa Pinto.

1962

- Cria a banda sonora do filme Verdes Anos, realizado por Paulo Rocha.

- Lança o EP Carlos Paredes, pela Alvorada.

1963

- Sai o EP Verdes Anos, pela Alvorada.

- Edita, com Artur Paredes, o LP Carlos Paredes/Artur Paredes, pela Alvorada.

1964

- Participa como instrumentista na banda sonora do filme Fado Corrido, de Jorge Brum do Canto.

- Compõe a música para a peça O Render dos Heróis, de José Cardoso Pires.

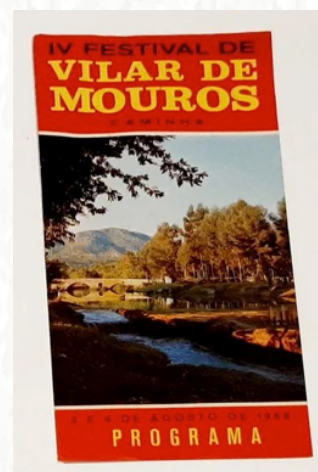
1965 - Escreve temas para a curta-metragem As Pinturas do Meu Irmão Júlio, de Manoel de Oliveira.

1966 - Assina a banda sonora do filme Mudar de Vida, de Paulo Rocha.

1967

- Integra a “embaixada artística” que atua no Olympia, em Paris, a convite de Amália Rodrigues.

- Edita o primeiro LP, Guitarra Portuguesa, pela Valentim de Carvalho.



1968

- Compõe temas para a curta-metragem A Cidade, de José Fonseca e Costa.

- Participa no IV Festival de Vilar de Mouros, em Caminha.

- A 8 de novembro, é publicada na revista Flama a entrevista “Carlos Paredes Fala do Seu Dó Maior”, conduzida por Luís Almeida Martins.

1969

- Cria temas para a curta-metragem The Columbus Route, de José Fonseca e Costa.

- Participa, em improviso de viola, na banda sonora do documentário televisivo Na Corrente, de Augusto Cabrita.

1970

- Compõe temas para a curta-metragem Hello Jim!, de Augusto Cabrita.

- Colabora no álbum Meu País, de Cecília Melo, editado pela Decca.

- Integra a delegação oficial de Portugal na Exposição Mundial de Osaka, no Japão.

1971 - Edita o LP Movimento Perpétuo, pela Columbia.

1972 - Lança o EP Mudar de Vida, pela Columbia.

1974 - A 17 de outubro, é reintegrado no Hospital de São José, no Serviço de Arquivo de Radiologia.



1975

- Participa no álbum É Preciso um País, de Manuel Alegre, editado pela Columbia.

- Colabora no disco Que Nunca Mais, de Adriano Correia de Oliveira.

1977 - Lança o LP Carlos Paredes – Meister der Portugiesischen Gitarre, pela Amiga (RDA).

1978

- A 23 de novembro, publica no Diário de Lisboa o artigo “A Música e a Sociedade”.

- A 27 de dezembro, publica no jornal O Diário o artigo “Variações Sobre a Música Ligeira”.

1979

- Atua em Barcelona com Luís Cília, no concerto de Paco Ibáñez.

- A 25 de julho, concede ao Se7e a entrevista “Sou um instrumentista de música ligeira”, conduzida por José Manuel Moreira.

1981 - Recebe da Casa da Imprensa o Prémio Consagração de Carreira na área da Música Ligeira.

1982 - A 8 de janeiro, o bailarino Vasco Wellenkamp coreografa Danças para uma Guitarra, com música de Carlos Paredes, apresentada no Grande Auditório Gulbenkian.

1983

- Realiza um concerto na sala Mozart da Alte Oper, em Frankfurt.

- Colabora no disco Um Homem no País, de Carlos do Carmo.

- Luísa Amaro passa a acompanhar Carlos Paredes à viola.



- Atua na Casa dos Bicos, na XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura; acompanhado por Luísa Amaro, interpreta obras de compositores clássicos.

- A 3 de setembro, dá à Revista do Expresso a entrevista “Carlos Paredes: falar através da guitarra”, conduzida por Regina Louro.

- A 5 de outubro, é entrevistado por Viriato Teles no Se7e, sob o título “Carlos Paredes, um génio da música”.

1984 - Realiza os primeiros concertos em nome próprio em Portugal, no Auditório Carlos Alberto, a 30 e 31 de março.

1985 - A 30 de junho, é entrevistado por Mário Correia na revista MC/Mundo da Canção, sob o título “Carlos Paredes – uma guitarra com voz em movimento perpétuo”.

1986

- Reforma-se do Hospital de São José e passa a dedicar-se em exclusivo à música.

- Lança com António Victorino d'Almeida o LP Invenções Livres, editado pela Polygram.

1987

- Compõe A Noite, tema criado para a peça O Gebo e a Sombra, de Raúl Brandão.

- Em fevereiro, dá um concerto no Théâtre de la Ville, em Paris.

1988 - Na Torre de Belém, apresenta o disco Espelho de Sons, tendo como cenário a exposição As Histórias Que a Guitarra Conta.

1989 - O tema A Dança, da sua autoria, integra a banda sonora ambiente dos concertos de Paul McCartney na sua digressão mundial.

1990

- O Secretário de Estado da Cultura atribui-lhe um subsídio de mérito em reconhecimento da sua carreira.

- Lança com Charlie Haden o LP Dialogues, editado pela Polygram.



- Atua com Charlie Haden nos Coliseus de Lisboa e do Porto, a 26 e 28 de maio.

1991

- É convidado especial no concerto dos Madredeus no Coliseu dos Recreios, em Lisboa.

- Realiza uma digressão pelo Japão, Coreia, Índia e Macau, com um total de oito recitais.

1992

- A 20 de março, apresenta no Teatro São Luiz o concerto Carlos Paredes – Uma Guitarra Portuguesa, com a participação de vários músicos e convidados.

- A 25 de março, dá um concerto no Teatro Rivoli, no Porto.

- A 10 de junho, é condecorado pelo Presidente da República, Mário Soares, com o grau de Comendador da Ordem de Sant'Iago da Espada.

1993 - Em dezembro, é-lhe diagnosticada uma doença neurológica que o impede de tocar e o afasta da vida ativa, passando a residir numa casa de saúde em Lisboa.

1994 - A Movieplay edita o CD O Melhor dos Melhores - Carlos Paredes e Artur Paredes, reedição do LP lançado pela Alvorada em 1988.

1997 - É distinguido com o Medalhão da Vila de Sesimbra.

2003 - É editada a coletânea O Mundo Segundo Carlos Paredes (integral), 1958-1993, pelas editoras EMI e Universal.

2004 - Morre a 23 de julho, na Fundação Lar Nossa Senhora da Saúde. É decretado luto nacional e sepultado no Talhão dos Artistas do Cemitério dos Prazeres, em Lisboa.

2025 - A Editora Valentim de Carvalho irá lançar em vinil as reedições dos álbuns “Movimento Perpétuo” e “Guitarra Portuguesa”, que se encontram fora do mercado há bastante tempo.

Enquanto não estão no mercado, neste ano em que se assinala o centenário do nascimento de Carlos Paredes, a Associação Fado Cale sugere em gira-discos, o fantástico tributo com a sua voz única e que surpreendeu o meio artístico, o álbum Canto de Mísia, um disco singular onde a fadista deu voz à música instrumental do génio incomparável da guitarra portuguesa, através de novos textos de autores como Vasco Graça Moura, Sérgio Godinho e Pedro Tamen.

Fonte: Adaptado do livro Amigo Paredes (Althum, com, 2021), de Paulo Sérgio dos Santos, por Associação Fado Cale.

A Voz da Guitarra, Luísa Amaro sobre Carlos Paredes



Luísa Amaro, guitarrista, compositora e companheira de vida e palco de Carlos Paredes. Memória viva do mestre da guitarra, pelas suas palavras ficamos a conhecer melhor o homem, o artista e o seu legado.



Como conheceu Carlos Paredes? Que memórias guarda desse primeiro contacto?

Conheci o Carlos Paredes em 1982 aquando das “Danças para uma Guitarra”, na Gulbenkian. Conheci-o através de um amigo comum, meu colega no Conservatório Nacional de Música. Ficou-me a sensação de um homem muito delicado e educado e muitíssimo simples, acessível. De um trato afável, conversador.

O que mais a surpreendeu nele como pessoa e como músico?

Como pessoa, a sua desarmante simplicidade e a qualidade rara de escutar o que tínhamos para contar. Como músico, a enorme capacidade de fazer parecer simples o que era difícil de tocar. Bem via o grau de dificuldade e o virtuosismo das suas composições, mas tudo era tocado com tanta naturalidade que me parecia simples!



Que tipo de relação artística estabeleceram desde o início?

Desde o início senti que o meu papel era aprender todos os acompanhamentos, todos os acordes necessários para lhe dar um suporte confortável e discreto. Comecei logo a aprender umas 3, 4 músicas suas. Não me foi difícil e daí parti para (quase) o seu repertório principal.

Como descreveria a “voz” musical de Carlos Paredes?

A “voz” musical do Carlos Paredes é a voz de libertação, da solidariedade, da aproximação humana e musical entre as pessoas.

Para ele, a música era só arte ou também uma forma de intervir no mundo?

A música era a sua forma de intervir socialmente, de se colocar ao serviço do “outro” e, ao sentir-se útil, ao sentir que as pessoas se emocionavam quando o escutavam, dava-lhe o alento para continuar. Sem este propósito, não creio que conseguisse ser feliz em palco e fora dele.

O processo criativo dele era intuitivo, emocional ou estruturado?

O seu processo criativo era muito emocional e intuitivo. Facilitava-lhe muito ser um homem culto musicalmente, sempre exigente nas suas escolhas musicais, afinal...tinha uma boa preparação musical o que o ajudava bastante na sua estética de composição.

Qual das suas peças sente mais próxima e porquê?

Para mim “António Marinheiro” é das suas peças a que mais me toca e impressiona porque, sendo uma melodia simples (aparentemente) ela encerra toda a nossa identidade, a portugalidade que nos distingue: aquele “ataque” logo nas primeiras notas carregam um país inteiro e que só podia ser o deste Portugal.

Que lugar ocupava a guitarra portuguesa na vida de Carlos Paredes?

A guitarra portuguesa era o seu prolongamento de corpo e alma, eram um só...

Havia rituais ou cuidados especiais com o instrumento?

Tratava a sua guitarra com todos os cuidados: não a punha ao sol, ao calor, à chuva...limpava-a sempre antes, durante e depois de um concerto para que as cordas não oxidassem, lavava sempre as mãos antes de lhe pegar e, quando viajava, colocava-a sempre a seu lado. Nunca a punha no chão frio, dizia que se podia constipar.



O que torna a sua técnica e sonoridade tão inconfundíveis?

O que torna a sua técnica e sonoridade inconfundíveis é o facto de ter criado, composto para aquele instrumento em particular, compreendeu o que podia ex-

trair do instrumento de forma a torná-lo único... deu-lhe voz própria, vida, cor e, como era virtuoso e dotado, foi compondo sempre para ela até às últimas consequências.



por João Carlos Oliveira *

“

No dia a dia, o Carlos Paredes era uma pessoa muito tímida, discreta e de hábitos simples.

”



Que ensinamentos lhe transmitiu sobre a guitarra portuguesa?
Aprendi com ele que a guitarra é um instrumento limitado (referia sempre como o piano era um instrumento completo), mas mais importante foi lembrar-me que através dela se fazem amizades, se criam laços de afeto. Mas que era um instrumento “irracional” que precisava de repertório novo.

Como era Carlos no dia a dia?
No dia a dia, o Carlos Paredes era uma pessoa muito tímida, discreta e de hábitos simples. Fugia de elogios, refugiava-se na sua guitarra.

Ele era reservado, tímido... Como lidava com a fama e o reconhecimento?
Era reservado, tímido, calado, fugia dos elogios que o deixavam desconfortável. Gostava de ler, de ouvir música clássica, de passear até ao Tejo. E tocar, tocar...

Quais eram os seus valores mais profundos – pessoais e artísticos?
Respeito, discrição e honrar a sua guitarra eram os seus valores. Servir o próximo (os mais pobres), poder levar a sua música aos outros, eram estes os seus valores tantos pessoais como artísticos.

Que importância tem, hoje, a obra de Carlos Paredes na música portuguesa?
Hoje em dia, a música do Carlos Paredes é a nossa forma, o nosso instrumento de identidade como povo. Na música portuguesa, não que ele quisesse ou pensasse nisso, a sua obra é um desafio de qualidade para muitos jovens músicos, sejam eles guitarristas ou não. Como digo, escutamos a sua obra e sabemos de imediato que aquilo é Portugal, é música portuguesa.

Acha que os jovens músicos compreendem verdadeiramente a sua profundidade?
Os jovens músicos aceitam o “desafio” que a sua música lhes provoca. Creio que estão sempre a descobrir-lhe coisas novas. Cada um sente-o à sua maneira e isso é o que importa. Trata-se

de um processo criativo que nunca para.

O que ainda está por descobrir na obra de Carlos Paredes?
A obra do Carlos Paredes está toda publicada e são muitos os que a têm tocado ou estudado. Creio que é tudo.

Que momento ou episódio vivido com Carlos mais a marcou?
Demoraria muitíssimo a detalhar momentos ou episódios vividos com o Carlos Paredes e que me marcaram e, sim, são incontáveis as histórias que vivi com ele.

Se pudesse dizer algo a Carlos Paredes hoje, o que lhe diria?
Se o visse agora, creio que só seria capaz de lhe agradecer o tanto que me transmitiu e que me marcou pelo seu exemplo. Só “Obrigada”.

Em três palavras, como o definiria?
Um homem bom, exasperadamente simples, um humanista.

Como gostaria que ele fosse lembrado pelas próximas gerações?
Gostaria que as próximas gerações o continuassem a tocar com lealdade e respeito por tudo o que ele fez ao abrir a guitarra a um novo mundo, a novos sons ou a novas harmonias. 🎸



**João Carlos Oliveira
Profissionalmente ligado à gestão da saúde, desde sempre manteve uma ligação à música como instrumentista. Coimbra, a cidade onde viveu e estudou no ensino secundário e universitário, marcou o seu percurso na música, sobretudo ligado ao Fado de Coimbra. Membro fundador do grupo de fados de Coimbra Toada Coimbrã, é desde 1985 executante desse género musical, com o qual percorreu o país e estrangeiro.
Agora, como grande admirador de Carlos Paredes, tem o privilégio de entrevistar Luísa Amaro e, através dela, ficar a conhecer melhor o génio da guitarra portuguesa.*

A Revista Fadista, através do seu editor, agradece a Luísa Amaro pela sua disponibilidade e generosidade para esta entrevista exclusiva, que muito prestigia esta edição da revista dedicada a Carlos Paredes, por ocasião da comemoração do centenário do seu nascimento (1925 – 2025).
.....

Carlos Paredes

Uma Guitarra Portuguesa



Carlos Paredes é o expoente máximo de uma das famílias mais influentes e criativas na música portuguesa. O seu pai, Artur Paredes, além de ter sido um dos responsáveis pelo formato final do modelo de Coimbra, também desenvolveu e apurou técnicas que revolucionaram a música feita em Coimbra e todos os guitarristas vindouros. Esta linhagem musical não é apenas um conjunto de nomes ligados por laços de sangue, mas representa uma verdadeira escola estética que marcou a identidade sonora de uma cidade e, por consequência, de todo um país.

Artur Paredes, ao reformular a guitarra em conjunto com os construtores Raul Simões, Joaquim Grácio e João Pedro Grá-

cio Jr., abriu espaço para um instrumento que já não se limitava a acompanhar, mas que possuía as condições necessárias para assumir um papel de voz principal. Ao fazê-lo, deu à guitarra portuguesa uma projeção inédita, colocando-a em paridade com instrumentos de maior tradição solista no panorama europeu. Carlos Paredes não só aproveitou e reconheceu o legado técnico como o expandiu artisticamente. Se o pai impulsionou a guitarra como um instrumento solista, o filho transformou-a num instrumento universal, capaz de dialogar com diferentes géneros musicais. A clareza e potência sonora obtidas pelas inovações de Artur Paredes foram cruciais para que Carlos pudesse criar uma música em que a

guitarra parecia “falar” ou até “cantar”, tornando-se quase uma extensão da sua própria voz.

A ligação entre ambos é, portanto, dupla: técnica e estética. Do ponto de vista técnico, Carlos herdou um instrumento profundamente melhorado, resultado da colaboração do pai com os construtores de cordofones. Do ponto de vista estético, herdou também uma atitude: a recusa da mera repetição das tradições e a busca incessante de novas formas de expressão. Se Artur Paredes ousou romper com o uso tradicional da guitarra no fado, transformando-a em instrumento solista, Carlos Paredes levou essa ousadia mais longe, fazendo da guitarra um veículo de expe-



por Hugo Gamboias
Músico profissional, Compositor, Guitarra Portuguesa

rimentação, modernidade e universalidade, capaz de se cruzar com a música erudita, o jazz, a música popular e até declamação de poesia. Com ele, a guitarra portuguesa tornou-se não só um símbolo identitário de Portugal, mas também um meio de comunicação artística sem fronteiras, capaz de emocionar públicos de diferentes origens e culturas.

O legado de Artur Paredes, prolongado e sublimado por Carlos, é um dos momentos marcantes da história da música portuguesa. Juntos, ainda que em gerações diferentes, transformaram um instrumento enraizado na tradição em património vivo e intemporal, projetando a guitarra portuguesa para a modernidade e para o mundo.

Carlos Paredes construiu uma obra de enorme relevância paralelamente com a profissão de técnico de radiologia. Cada álbum reflete uma procura intensa pela essência da guitarra portuguesa, transformando cada tema em narrativa emocional. A sua obra transcende a mera execução técnica, mergulhando nas profundezas da essência portuguesa, capturando as suas melancolias, alegrias e a sua identidade. Algumas das composições são verdadeiros quadros sonoros que evocam paisagens e sentimentos, como se cada nota fosse uma pincelada de um pintor que trabalha não com cores, mas com ressonâncias.

No seu EP de estreia, lançado em 1962, apresenta quatro temas compostos durante a juventude onde percebemos a profunda ligação à música coimbrã. Um ano mais tarde é lançado o EP Verdes Anos, banda sonora do filme de Paulo Rocha com o mesmo nome.

Carlos Paredes começa a distanciar-se da estética de Coimbra construindo uma personalidade musical mais universal, marcada pelo lirismo poético imposto em cada nota. “Eram novas dedilhações de mão direita, com alternância de polegar indicador, eram as harmonias agora muito mais sofisticadas, de rara beleza, era o som arrancado daquela guitarra como até aí nunca se ouvira, era o Fernando Álvim com um espantoso trabalho na viola! Era um virtuosismo levado às últimas consequências.”
Octávio Sérgio, 2005

Em 1967, Carlos Paredes edita o disco Guitarra Portuguesa mudando perpetuamente a história da música em Portugal. O título não podia ser mais claro: a guitarra, que até então era sobretudo um instrumento de acompanhamento do fado, passa-

va a ser protagonista. E não era apenas uma afirmação artística — era quase uma declaração de intenções. Ao longo do álbum, Paredes apresenta-nos composições suas que rapidamente se tornaram icónicas, como Dança ou Divertimento. São peças que combinam uma simplicidade aparente com uma profundidade emocional rara, capazes de tocar tanto quem vem do universo do fado como quem nunca o escutou. Este disco respira intimidade, como se fosse gravado na sala de casa, mas deixa transparecer a liberdade e o horizonte que Paredes daria à guitarra: um instrumento de linguagem exclusiva e intemporal.

Quatro anos mais tarde, em 1971, surge Movimento Perpétuo, um disco que confirma e expande tudo o que o primeiro já tinha anunciado. O próprio título é revelador: a música de Paredes aqui parece não ter fim, flui sem descanso, como se a guitarra respirasse por si mesma. Se no primeiro álbum a surpresa era ver a guitarra erguida como solista, neste segundo a maravilha está na ousadia. As composições tornam-se mais complexas, mais ricas em contrastes, e revelam uma faceta quase universal — não estamos apenas perante fado, mas diante de música que dialoga, tanto com a tradição popular portuguesa como com a música erudita europeia. Em peças como Movimento Perpétuo ou Variações em ré menor, o virtuosismo de Paredes atinge um nível de excelência difícil de comparar: a guitarra parece libertar-se completamente das amarras do género e afirmar-se como veículo de drama, intensidade e beleza absoluta.

Juntos, estes discos são mais do que marcos discográficos: são capítulos fundadores de uma nova forma de olhar para a guitarra portuguesa. Entre os dois, fica clara a dimensão de Paredes não só como intérprete excecional, mas como criador de um universo próprio, onde tradição e modernidade se encontram numa linguagem intemporal.

Neste período, Paredes colabora intensamente com cinema e teatro. A sua música não servia apenas de ilustração: acrescentava profundidade emocional e uma dimensão quase poética às obras. Não é por acaso que temas como Canção Verdes Anos, Mudar de Vida ou António Marinheiro se tornaram independentes dos filmes que os originaram, sendo escutadas como peças autónomas nos palcos e gravações.

Carlos Paredes continua o seu processo criativo lançando temas originais que se inovam e reciclam ao mesmo tempo. Espelho de sons, Asas sobre o mundo, Na corrente e o tardio



Canções para Titi são o constatar de uma obra que está em constante evolução e experimentação ousada, introspeção, diálogo intercultural, maturidade serena e, no fim, ternura íntima. A sua discografia é o retrato de um artista completo, infundavelmente fiel à sua essência e à procura de novas formas de expressão.

De destacar ainda as colaborações com o maestro António José de Almeida no disco Invenções livres e Dialogues com o contrabaixista norte-americano Charlie Haden. São dos trabalhos mais desafiantes da carreira de Paredes: uma exploração conjunta que cruza o universo popular e a música erudita e jazz, deixando

espaço para improvisação e risco.

O seu trabalho foi demarcado por uma resistência silenciosa e poderosa contra a ditadura, e a sua guitarra tornou-se um símbolo de liberdade e orgulho cultural. Hoje, a música de Carlos Paredes continua a ressoar, um tributo a um homem que encontrou na guitarra não apenas um instrumento, mas uma forma de ser, sentir o mundo e inspirar gerações de músicos. A sua guitarra não pertence apenas à história da música portuguesa — pertence ao património emocional do mundo, como se cada dedilhado continuasse a ecoar para lá do tempo, vivo e inesgotável. 🎸

A Guitarra que era voz

Carlos Paredes

A música começou com uma memória difusa, primordial, o som de uma guitarra de Coimbra, vindo do escritório da casa de Águeda, onde o meu tio António Portugal se instalava para praticar entre refeições e convívio familiar, num Natal distante onde eu teria talvez 3 anos de idade. Entre o ritual da retirada da “hard case”, o pousar acima do joelho, ajeitando as unhas de encaixe, o limpar das cordas, e depois a afinação, no ar libertava-se uma mistura de cheiro metálico, verniz, madeira, o aroma do cachimbo e a respiração pesada e ritmada do meu tio. Por fim, quando ficava tudo pronto, o som começava, soltava-se!

É das memórias mais remotas que tenho e fixou-se sobretudo na lembrança desse esplendor sensorial aos ouvidos de uma criança, como se magia, alquimia: o corpo de um tema, talvez as “Variações em Ré menor”, que costumava tocar com Artur Paredes. Era como se a música brotasse da junção dos dedos do meu tio com aquele objecto, e a música trazia consigo uma miríade de evocações e emoções. Um portal que nunca mais se voltaria a fechar, e que viria a ser um caudal com Carlos Paredes.

Ficou por cumprir a promessa do meu tio de que me ensinaria a tocar guitarra portuguesa, mas com os ouvidos mergulhados em álbuns de Paco de Lúcia, Zeca Afonso, e claro o “Guitarra Portuguesa”, comecei a tocar guitarra clássica com 10 anos e mais tarde, aos 19 anos começaria a cantar publicamente numa banda, à data auto-intitulada de “músicas do mundo”, os Katharsis, e iniciar-me-ia, precisamente com uma versão cantada dos “Verdes Anos” de Carlos Paredes, contemporâneo e contemporâneo do meu tio António Portugal e de meu pai Manuel Alegre.

Falar de Carlos Paredes é falar de um dos nomes maiores da música portuguesa, e da banda sonora da nossa vida colectiva. Não apenas pelo virtuosismo com que reinventou a guitarra portuguesa, mas sobretudo pela forma como, através dela, conseguiu condensar um país inteiro, a sua história, os seus silêncios e a sua esperança. Paredes não se limitou a tocar: transformou a guitarra num idioma universal, capaz de atravessar fronteiras de género, de geração e de sensibilidade. E mais tarde levou-a também pelo mundo, na ligação às comunidades portuguesas no estrangeiro, devolvendo saudades e imagens

de casa, no ressoar de uma guitarra viajante.

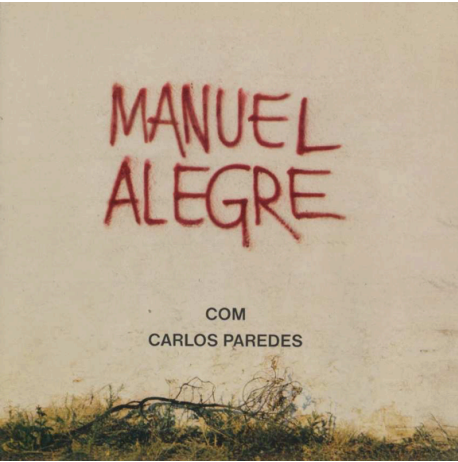
Desde muito cedo, o seu nome ficou associado ao fado, mas penso que sobretudo pela influência da guitarra de Coimbra, depressa se percebeu que a sua música não se confinava a nenhum rótulo. Partiu da tradição, mergulhou nela e libertou-a. Cada nota, cada dedilhado, transporta ecos da alma portuguesa, uma portugalidade que é supra folclórica, profunda e essencial, intemporal. Carlos Paredes conseguiu fazer com que a guitarra se tornasse uma voz do país inteiro, carregada de emoção e memória, mas também aberta ao futuro.

Naturalmente essa influência toca-me de forma direta e íntima. Não apenas pelo deslumbre que sinto pela sua obra que se entranhou, mas também pela relação poética inscrita, que me é tão familiar e afetiva, dado o universo em que se inscreve. Tanto o meu tio como o meu pai partilharam com Carlos Paredes esse mesmo ambiente cultural e musical. Em Coimbra a guitarra tinha uma respiração própria, ligada à tradição académica, mas também a uma sensibilidade poética particular. Esse modo de sentir a música como missão e prolongamento da vida, é um legado e sem dúvida que por essa via também compreendi e senti mais profundamente a poética e a grandeza de Paredes.

É bem exemplo da sua elasticidade e amplitude, o disco de poemas na voz de Manuel Alegre, acompanhados à guitarra pelo mestre Carlos Paredes “É preciso um País”, editado em 1974 pela Valentim de Carvalho. Juntos realizaram um encontro raro entre música e poesia: um disco em que a voz do poeta dizia os versos e a guitarra de Paredes respondia, dialogava, completava. Essa parceria mostra simbolicamente como a palavra e a música podem entrelaçar-se, não como ilustração uma da outra, mas como duas forças iguais, duas formas de dizer Portugal.

São obras assim que deixam marcas profundas pela transgressão de fronteiras e criação de novos espaços de expressão. Ver e ouvir Carlos Paredes a acompanhar poesia, e a fundir essa poesis nas suas peças narrativas, é testemunhar um encontro maior do que a soma das partes. É constatar como a arte pode ser um espaço de resistência, de liberdade e de comu-

“
Se no fado abriu novas possibilidades expressivas, também inspirou músicos da música erudita, da canção de intervenção, do jazz e até do pop.”



nhão. Mas também um registo dos tempos e sentimentos. Numa altura em que Portugal procurava ainda libertar-se de amarras políticas e sociais, a guitarra e a poesia tornaram-se vozes de esperança, lembrando que a cultura pode ser também uma forma de intervenção, e esse é um exemplo que perdurará pela história, mostrando que é sempre possível voltar aí, fazer da arte instrumento de liberdade, mais que interna, uma liberdade que inunda também o espaço público e agrega as pessoas em torno de sentimentos comuns, e objetivos colectivos.

Lembro-me de um episódio da minha juventude em Nova Iorque, quando a saudade apertou, passei pelas ruas ladeadas de arranha-céus ao som da sua guitarra e chorei a saudade como quem se devolve a si próprio. Na confusão de uma cultura e país diferente, à distância de um oceano

Guitarra
(Carlos Paredes)

*A palavra por dentro da guitarra a guitarra por dentro da palavra.
Ou talvez esta mão que se desgarra
(com garra com garra)
esta mão que nos busca e nos agarra e nos rasga e nos lavra
Com o seu fio de mágoa e cimitarra.*

*Asa e navalha. E campo de batalha.
E nau charrua e praça e rua.
(E também lua e também lua.)
Pode ser fogo pode ser vento
(Ou só lamento ou só lamento.)*

*Esta mão de meseta voltada para o mar
esta garra por dentro da tristeza.
Ei-la a voar ei-la a subir ei-la a voltar
de Alcácer-Quibir.*

Ó mão cigarra mão cigana guitarra guitarra lusitana.

Poema de Manuel Alegre publicado no livro “Atlântico” em 1981.

inteiro, também quando ouvimos Amália, somos sempre esse Atlântico, as pedras da calçada e fachadas de azulejo, gaivotas que volteiam e esvoaçam na guitarra de Carlos Paredes.

A influência de Carlos Paredes atravessa quase todos os quadrantes da música portuguesa. Se no fado abriu novas possibilidades expressivas, também inspirou músicos da música erudita, da canção de intervenção, do jazz e até do pop. Muitos artistas encontraram nele uma espécie de raiz comum: a prova de que a música feita em Portugal podia ser simultaneamente enraizada e universal. Continuamos e continuaremos nessa busca contínua. A sua estética tornou-se uma escola invisível, reconhecível em intérpretes de guitarra portuguesa, mas também em cantautores, em arranjadores e em compositores contemporâneos.

É essa a herança que Paredes nos deixou: a certeza de que a música pode carregar em si uma identidade, mas sem se fechar sobre si própria. Que pode ser portuguesa até à raiz e, ao mesmo tempo, falar a todos os que a escutam. Que pode atravessar géneros e fronteiras, mantendo sempre um centro emocional inconfundível.

Carlos Paredes foi, e continua a ser, um mestre da portugalidade. Não de uma portugalidade estreita ou exclusivamente folclórica, mas de uma portugalidade aberta, feita de memória, de saudade, de inquietação e de futuro. Foi essa portugalidade que inspirou tantos músicos, que atravessou gerações, e que me influencia a mim própria. Aprendi a reconhecer que na arte maior há sempre algo que nos excede: uma voz que vem de longe, que fala por nós e que nos transforma. 🎸



por Joana Alegre
Cantautora, Compositora

Ricardo Parreira

entrevista António Parreira



por Ricardo Parreira*



Fala-me do teu começo a tocar.

Nasci no dia 13 de junho de 1944 no Monte das Taipas na freguesia de Santa Margarida da Serra que pertence concelho de Grândola e quando tinha um ano os teus avós mudaram-se para a aldeia de São Francisco da Serra onde vivia a tia Arlinda mais o tio Zé.

O tio Zé tinha uma guitarra... aliás, uma requinta e lembro-me perfeitamente de o ouvir tocar e adorar o som. Com seis/ sete anos ele ensinou-me o fado no quinto ponto que mais tarde vim a saber que era o fado corrido em sol, naquele tempo era o fado no quinto ponto, não se sabia cá se era em Ré se era em Dó ou o que era. Já adolescente mandei vir um “método de guitarra” da loja de música Santos Beirão por um senhor que era condutor das camionetes que fazia a carreira Cacilhas/Sines - Sines/Cacilhas na companhia das camionetes João Cândido Belo, depois havia lá um acordeonista que tocava muito bem que se chamava António Dimas que me perguntou se eu sabia música, eu não sabia música eu sabia era aqueles tons que vinham no livro porque aprendi aquilo tudo... Ainda me lembro de ele me perguntar “sabes qual é a segunda e a terceira de Ré Maior?” e respondi-lhe o Ré tem como segunda o Lá e como terceira o Sol.

Mais tarde veio o gosto pela viola...

Sim, sim... isso foi para aí com 12/13 anos. Lá em São Francisco vivia um senhor que era o tio Joaquim do moinho, que era moleiro e que tocava viola e o António (António Chaínho) que tocava guitarra, e nessa época o tio Joaquim do moinho deixou de tocar e era preciso um violista e eles como sabiam que eu tinha muito jeito para tocar instrumentos de corda, o António (António Chaínho) ensinou-me a tocar, porque ele também tocava viola e depois eu acompanhava-o a ele e fazíamos os espetáculos ali na zona, aí até eu ter uns 17 anos porque o António depois foi para a tropa. Quando regressou ainda tocámos durante mais algum tempo, mas depois fui eu para a tropa e para o ultramar.

Como foi o tempo do ultramar?

(António) Então fui para o ultramar como ia toda a gente...

(Ricardo) Sim sim, mas tocavas guitarra no ultramar, foi lá que conheceste o Gonçalves (Francisco Gonçalves)

(António) Conheci o Gonçalves no Pacote Pátria a caminho de Moçambique. O Pacote era civil e levava a nossa companhia de polícia militar e uma companhia da força aérea. Nós já nos conhecíamos de vista lá no quartel, ele era o seis dois e um dia eu estava a tocar guitarra e apareceu o Gonçalves a dizer “eu

também toco viola, toco nos bailaricos da minha terra...

(Ricardo) Estamos a falar de que ano?

(António) Julho de 1965. Ficámos amigos. Mas no pacote não havia viola e quando parámos na ilha da Madeira havia dois primeiros cabos que se chamavam os dois “Mota”, mas um era da Quinta da Cardiga e então chamávamos-lhe o Cardiga que compraram uma viola e a partir daí começámos a fazer grandes serenatas no pacote com o Cardiga que era um grande calmeirão que gostava de cantar, e cantava bem, e mais um Sargento que também cantava bastante bem, a nossa guerra foi feita com música. Chegámos a tocar várias vezes na messe dos oficiais e até nos convidavam para almoçar e jantar lá, até que um dia o Cardiga e o Mota se chatearam um com o outro e partiram a viola, como tinham comprado a viola a meias dividiram-na ao meio... (Risos) e lá ficámos sem as serenatas no Pacote. Depois consegui eu comprar uma viola já na cidade da Beira e voltámos a tocar

muitas e muitas vezes lá. Até saímos de Moçambique para irmos tocar a países vizinhos e chegámos a ter a possibilidade de ter um contrato e ficarmos lá a viver, mas à última da hora quando vimos os nossos companheiros a prepararem-se para voltar decidimos voltar também.

Quando voltaram, voltaram cada um para a sua terra. Como é que foram para Lisboa?

Quando voltei fui trabalhar para a cortiça e um dia estava a tocar guitarra numa tasquinha lá no Alentejo e entraram uns senhores que mandaram cozinhar umas aves de caça e ouviram-me tocar e ficaram impressionados... Nessa altura ouvia o programa de fados da emissora nacional e aprendia tudo, mas só tinha duas oportunidades de aprender os fados que era quando passava o programa e depois na repetição do programa... Entretanto estes senhores chamavam-se Augusto

ranjaram-me casa na Rua dos Sapateiros e uma guitarra boa para tocar e lá vim eu.

(Ricardo) Quem é que cantava?

(António) Eram o César Morgado, Julieta Reis, Eduarda Maria e o Manuel de Almeida

(Ricardo) E quem é que tocava viola?

(António) Quando fui para lá tocar era um senhor chamado Armando Ferreira, mas passado pouco tempo ele saiu e foi para lá o Zé Inácio, com quem aprendi muito

(Ricardo) Estamos a falar de que ano?

(António) Entrei no dia 9 de maio de 1969 era uma sexta-feira, mas no sábado a casa voltou a ficar sem guitarrista porque alguém soube e fez queixa (eu depois até

soube quem foi), na altura era obrigatório ter a carteira profissional e eu não tinha, então nessa semana fui fazer o pedido, fiz as provas e claro que passei e no fim de semana seguinte comecei a tocar oficialmente na Guitarra da Madragoa onde toquei um ano.

(Ricardo) Como é que o Gonçalves veio para Lisboa?

(António) O Gonçalves estava

na terra dele e trabalhava em madeiras, e eu soube que o senhor Veloso, marido da Eduarda Maria que era um dos donos do Solar do Minho, em Rio de Mouro, precisava de um violista. Escrevi-lhe uma carta a explicar a situação e para ele vir para Lisboa e lá foi o Gonçalves tocar para o



Damásio, Bonifácio de Matos e o Chico Carregosa, que tocava guitarra, e perguntaram-me se eu não queria ir tocar para Lisboa porque tinham um amigo chamado Manuel Joaquim Ribeiro que era o dono da Guitarra da Madragoa e estava sem guitarrista residente na casa. Eles ar-

Solar do Minho. Quando a Guitarra da Madragoa fechou fui tocar para Alfama para uma casa chamada Guitarra de Alfama onde tocava com o José Manuel Osório, que depois mais tarde veio a ser o Fado Maior da Dona Julieta Estrela. Hoje em dia é a Morgadinha de Alfama, já o Gonçalves estava a tocar em Alfama também quando nos convidaram para sermos guitarristas de uma casa chamada Fragata Real, que se tinha chamado Nau Catrineta e depois mais tarde chamou-se Poeta.

(Ricardo) Quando foste para a Fragata Real já conhecias o Zé Luís (José Luís Nobre Costa), porque vocês têm um disco gravado ao vivo lá na Fragata que é incrível...

(António) Sim, conheci o Zé numa tasquinha chamada Pote, no Areiro, que dava matinés de fado e nós juntávamo-nos lá a tocar e ficámos sempre muito amigos. Foram muitos anos a tocarmos todos juntos, passávamos tardes a ensaiar os quatro, eu o Zé, o Gonçalves e o Raúl Silva.

(Ricardo) Depois da Fragata Real foram tocar para onde?

(António) Depois fomos para a Taverna Del Rei que era da Maria Valejo e do Nelo onde cantava o Tristão (Tristão da Silva). A Maria Valejo na época era uma artista de muito sucesso e nós começámos a fazer muitos programas de televisão...

(Ricardo) Lembro-me de ter falado com o Gonçalves e vocês até eram guitarristas residentes de um programa, não me lembro se falámos se era o Zip Zip...

(António) Espera, que estás a fazer confusão, o Zip Zip foi a primeira vez que fui à televisão tocar com o António dos Santos que era um grande artista da época que cantava fados humo-



rísticos e baladas e com o António Pessoa que era violista, ainda eu estava na Guitarra da Madragoa. O programa que estás a falar era o Domingos à Noite gravado no teatro Maria Matos, e então imagina por exemplo: A Bia (Beatriz da Conceição) era a convidada do programa e como o Zé Nunes era o guitarrista dela tocávamos juntos. Nós já erámos considerados guitarristas de primeira e tínhamos a oportunidade de tocar com as nossas referências.

(Ricardo) Foi isso que o Gonçalves me contou numa das noites que tocámos na Maria da Mouraria.

(António) Depois da Taverna fomos para o Abril em Portugal que era uma casa do Sousa Sintra, no Bairro Alto, e nesta casa havia um espetáculo de folclore e como não tocava durante o espetáculo juntava-me com os colegas noutras casas e substituíamo-nos uns aos outros quando saíamos (para tocar)...

(Ricardo) Quando saías era para espetáculos com a Maria Valejo e já com o Rodrigo?

(António) Sim com o Rodrigo, mas antes ainda toquei primeiro com o António Mourão e quando comecei a tocar com o Rodrigo ainda toquei 5 anos a par com os dois.

(Ricardo) Quando saíram do Abril em Portugal foi quando o Rodrigo abriu o Forte Dom Rodrigo?

(António) Primeiro ainda fomos para o Arreda que era do Júlio

onde muito aprendi, ia lá a Amália, a Maria Teresa de Noronha que gostava imenso de mim, o Alfredo Marceneiro que me engatava sempre para o trazer e levar a casa. Tu ainda não eras nascido, mas uma vez ele teve de ir à nossa casa porque um cliente tinha deixado cair sem querer uma cinza de cigarro

para dentro da camisa dele e ele dizia que estava todo queimado e que ele o queria queimar e foi a tua mãe que o acalmou e lhe disse que não estava queimado. A seguir fomos para casa dele comer carapauzinhos fritos com arroz de tomate da tia Judite, isto já era de madrugada. Outras vezes ficava com ele até de manhã para fazermos horas para ele ir ao barbeiro... (risos). Do Arreda é que fui para o Forte Dom Rodrigo onde toquei 30 anos. Viajei muito com o Rodrigo.

De todos os espetáculos que fizeste há algum que tenha sido marcante para ti?
Tenho vários, lembro-me de um na África do Sul no Sueto com o Rodrigo que fomos em quarteto, e o espetáculo tinha músicos de vários países e foi muito bo-

nito poder contactar com a música e a cultura de outros locais. O Rodrigo tinha muito sucesso, para além do Forte tinha o Picadeiro e as duas casas estavam cheias todas as noites. Espetáculos que fiz com a Amália a substituir o José Fontes Rocha, outro guitarrista incrível. Foram muitos...

Tiveste contacto com o Carlos Paredes?
Sim claro, estive várias vezes com o Carlos Paredes, que foi um guitarrista e um compositor de uma dimensão imensurável. Uma das últimas vezes que estive com ele foi num espetáculo no Museu da Eletricidade, onde eu e o teu irmão estávamos a tocar com o Rodrigo e o Carlos Paredes tocou a seguir com a Luísa Amaral. Era realmente impressionante ouvi-lo e vê-lo tocar.

Para terminarmos a nossa entrevista queres falar um pouco da tua experiência enquanto Mestre a ensinar o nosso instrumento?

Essa tem sido uma das experiências mais gratificantes da minha carreira que mantenho ainda hoje no Museu do Fado. Ao longo destes anos ensinei guitarristas como o Alcino Frazão que infelizmente já não se encontra entre nós, o Luís Guerreiro, o teu irmão, tu e outros tantos. É muito gratificante vê-los crescer como homens e guitarristas. E um conselho que vos dou a todos é que se ensinem uns aos outros e sejam amigos. Quanto mais partilharem mais ricos ficam todos, bem como a guitarra e o fado. 🎸



**Ricardo Parreira*
Nascido no dia 20 de Abril de 1986, em Paço de Arcos, Ricardo Parreira herda uma forte tradição e ligação ao Fado e à Guitarra Portuguesa, pelos seus laços familiares - o seu pai António Parreira e o seu irmão Paulo Parreira são ambos

grandes instrumentistas - e pela constante exposição que teve ao “universo” do Fado, desde a “barriga da mãe” no seu dia a dia na Casa de Fados Parreirinha de Alfama. Ao longo da sua carreira editou 2 discos a solo “Nas veias de uma guitarra – Homenagem a Fernando Alvim” e “Cancionário”. Em 2011

foi o solista convidado pelo Maestro Cesário Costa para estrear e gravar uma suite de Carlos Paredes com arranjos de Tiago Derriça com a Orquestra Metropolitana de Lisboa intitulado “Música para Lisboa”. A par com a carreira de músico diplomou-se em Medicina Tradicional Chinesa.

Mestre Carlos Paredes



Será importante clarificar que a denominação adotada, neste pequeno artigo, foca sempre o instrumento tocado pelo genial Carlos Paredes como guitarra portuguesa. É assim o nome de um trabalho discográfico do grande mestre e é esta a forma desprendida e genuína, longe de estudos e dinâmicas mais ou menos académicas, com que identifico o instrumento que Carlos Paredes tocava e eu, orgulhosamente, divulgo há mais de 20 anos.

Também é de todo importante que o leitor perceba que a visão de um cultor da guitarra portuguesa, como eu e tratando de abordar uma figura de grande destaque da cultura nacional é tarefa difícil e traduz apenas o meu olhar, pela minha experiência, que é única e individual, onde afetividades e afinidades são, com toda a certeza, comprometidas com estímulos do passado e ações no presente, não pretendendo, de todo, agradar as visões mais ou menos românticas, nem menos ou mais pragmáticas. É a minha verdade.

Acredito, genuinamente, que Carlos Paredes continua a ser o nome maior de um instrumento que carrega em si os sons de

um povo - e tem a portugalidade inscrita no seu nome – instrumento este que carrega cada vez mais, a cada dia que passa, o nome do genial Paredes. A confusão aqui instalada propositadamente baseia-se na crença, que não é só minha, que Carlos Paredes e a guitarra portuguesa se confundem, são um só! Com uma técnica apuradíssima (nesta forma de tocar “à Coimbra”!) e uma expressividade fora do normal, onde no seu auge deixou e continua a deixar de boca aberta qualquer criatura que procure recriar-se nos vídeos e áudios que por aí andam, criou dificuldades, mas estímulos infindáveis aos músicos que hoje pegam neste, cada vez mais, conhecido cordofone, a guitarra portuguesa.

Carlos Paredes é a inspiração maior, bem sabendo que muitíssimos outros compositores deixaram obra de grande valor. Posso dizer, com oportunidade, que se por alguma tragédia não tivesse “acontecido” Carlos Paredes, a guitarra portuguesa seria dramaticamente mais pobre e, especialmente em Coimbra, ficaria muito por ouvir, por dizer e muito por aprender. Carlos Paredes ensinou-nos a tocar de uma forma que mais ninguém fez. Criou um es-

“*Costumo também dizer que não há uma música má de Carlos Paredes: - “Peguem nos discos e escolham uma música feia. Não conseguem.”*”

tilo maravilhoso, com apontamentos únicos, nunca antes experimentados, interpretou e ensinou (como os grandes compositores) que cada nota tem um valor, um peso, uma intenção. Costumo também dizer que não há uma música má de Carlos Paredes: - “Peguem nos discos e escolham uma música feia. Não conseguem.” Serei eu a tentar convencer-me? Serei eu um dos seus maiores admiradores? Serei eu quem não “admito” uma resposta desfavorável, cego pelo deslumbramento de quem conseguiu afastar esta guitarra de acompanhamentos dos “fadinhos de Coimbra e das serenatas”, da “academia”, da “Universidade de Coimbra” e a levou para o Mundo como instrumento solista? Eu acredito que não há música “menos boa” na obra de Carlos Paredes, seja nas composições mais humildes, ou nas mais diabólicas. É uma convicção. - “Peguem nos discos e escolham uma música feia...”. É bom ouvir falar Carlos Paredes. É culto. É amável. É simpático! É um génio sem tiques de vedeta. Apesar de,

obviamente, ter tido noção da sua grandiosidade, dentro e fora de portas, pois como poucos ou nenhum celebrou um instrumento “português”, per si, além-fronteiras, Carlos Paredes traz mais uma lição para aqueles que têm na arte a sua função. A humildade na grandiosidade. Carlos Paredes é, em tudo, muito grande. É um homem grande na atitude e enorme em palco.



Este ano celebra-se o centenário do nascimento de Carlos Paredes e tenho a sorte de poder apresentar-me em dezenas de locais, dentro e fora do país (100Paredes), levando a música do grande mestre aos mais variados públicos. Já gravei, também, temas de Carlos Pare-

des em vários discos do CORDIS e reproduzi, nos últimos vinte e cinco anos, certamente, milhares de vezes as suas músicas. Certo que me apresento em público com um instrumento tão único e distinto, levando uma forma de tocar tão particular (Carlos Paredes identificava-a como a “escola de Coimbra”, ajudada a criar pelo seu pai Artur Paredes – figura incontornável na Guitarra Portuguesa), tenho a forte convicção que Carlos Paredes me ensinou, também, que tocar esta música é uma forma de estar no Mundo e na vida, é uma linguagem que aproxima gerações, mas também povos e transporta em si a alma de um país inteiro. Uma sorte que poucos podem desfrutar.

Carlos Paredes é, para mim, quando pego na guitarra, um farol, uma orientação, fonte de inspiração e lição de humildade. 🎸



por Bruno Costa
Músico profissional, Compositor, Guitarra Portuguesa

A Discografia de Carlos Paredes

A Alma da Guitarra Portuguesa



Carlos Paredes (1925–2004) é amplamente reconhecido como um dos maiores (a par de Amália Rodrigues) músicos portugueses de sempre, que elevou a guitarra portuguesa a níveis de expressão artística nunca antes alcançados, transformando o instrumento numa voz solista de expressão profunda e universal. A sua discografia, ainda que não extensa, é profundamente marcante e representa uma das maiores contribuições à música instrumental portuguesa do século XX.

Estilo Musical

Carlos Paredes não tocava fado tradicional. A sua música era mais livre, mais próxima da composição erudita, misturando influências do Fado de Coimbra com elementos do impressionismo musical, do folclore e até de música clássica. Desenvolveu uma técnica única e um estilo muito pessoal: veloz, precisa e emocionalmente carregada. Tocava sempre com alma e a sua guitarra parecia falar, chorar ou celebrar, sempre com uma técnica e sensibilidade musical raras. As suas composições captam a alma portuguesa, de forma profunda e poética, de tal forma que se diz que as notas que executa na guitarra têm pessoas dentro, retratam histórias de vida e pintam paisagens sonoras que, mesmo sem letras, descrevem narrativas completas de pessoas, de vidas e da alma de um povo. O seu estilo, a sua técnica é profundamente pessoal, afastou-se dos cânones da canção urbana lisboeta e enraizou-se numa linguagem instrumental autónoma, feita de lirismo, precisão e interioridade. E talvez por isso, mais de duas décadas após a sua morte, continua a ser ouvido, estudado e amado — não apenas como guitarrista, mas como expressão profunda da identidade portuguesa.

Caráter

Carlos Paredes recusou os holofotes fáceis. Nunca cedeu ao populismo cultural, nem à estética da superficialidade. Foi um homem coerente, discreto, humilde, quase tímido, mas de uma força criativa avassaladora. A sua ética de vida era inseparável da sua arte: manteve-se fiel às suas convicções políticas, mesmo quando lhe custou anos de prisão. Tocava não por dinheiro ou fama, mas porque precisava de expressar o que as palavras não conseguiam.

Discografia

Carlos Paredes deixou um legado discográfico essencial, embora relativamente pequeno, o que se deve, em parte, à sua exigência artística e, por outro lado, à censura política da época em que viveu. Cada álbum é um marco, não só pela inovação técnica na guitarra portuguesa, mas também pela carga emocional e cultural que carrega. Gravou o primeiro LP em 1967 ‘Guitarra Portuguesa’ e fez as últimas gravações entre 1990 e 1993, neste último ano já com o corpo enfraquecido e dorido pela doença, mas, ainda assim, sem que tal se reflita na exímia execução.

A discografia de Carlos Paredes:

1 - Guitarra Portuguesa (1967)

O primeiro álbum de Carlos Paredes é já uma obra-prima. Inclui composições como Canção Verdes Anos, imortalizada no cinema de Paulo Rocha, Melodia nº2, Dança e Divertimento. Este disco definiu um novo paradigma para a guitarra portuguesa. Neste disco Carlos Paredes foi acompanhado à viola por Fernando Alvim.

2 - Movimento Perpétuo (1971)

Um trabalho maduro e profundo, onde Paredes explora composições complexas, ritmos invulgares e harmonias arrojadas. Aqui, ele consolida o seu estilo inconfundível. O tema ‘Movimento Perpétuo’ que dá nome ao álbum, é talvez a sua composição mais complexa e com um maior grau de dificuldade na sua execução, cuja maior curiosidade é que foi composto por Carlos Paredes na sua adolescência (12 anos). Mudar de Vida, é outro dos temas incluídos neste álbum, serviu de banda sonora a um filme de Paulo Rocha. Neste disco, Carlos Paredes foi acompanhado por Fernando Alvim na viola e Tiago Velez na flauta.

3 - Balada de Coimbra (1971)

Single com dois temas: ‘Balada de Coimbra’ e ‘Canção de Alcipe’.

4 - Concerto em Frankfurt (1983)

Gravado ao vivo na Opera de Frankfurt, este álbum mostra a intensidade da sua performance em palco. A gravação do concerto decorreu sem o seu conhecimento. É um testemunho da sua proje-

ção internacional e da universalidade da sua música. Neste disco Carlos Paredes foi acompanhado à viola por Fernando Alvim.

5 - Espelho de Sons (1988)

Um álbum mais tardio, com novas composições e revisitações. É um espelho da sua maturidade musical, onde cada nota parece conter décadas de experiência e introspeção. Fazem parte deste disco composições como Lisboa e o Tejo e Coimbra e o Mondego. Neste disco Carlos Paredes foi acompanhado à viola por Fer-

te”, os dois temas do single “Balada de Coimbra”, publicado em 1971 e nunca incluídos em LP, e duas gravações inéditas, “O Fantoche” e “Na Corrente”, esta última o único registo em que Carlos Paredes tocou viola a solo.

9 - Uma guitarra com gente dentro (2002)

Recolha antológica com peças remasterizadas, lançado já no final da sua vida, constituído por 22 temas, editado pela Universal Music Portugal, SA.



por João Carlos Oliveira
Administrador Hospitalar e Músico



nando Alvim e também por Luísa Amaro.

6 - Asas Sobre o Mundo (1989)

Álbum fortemente narrativo e descritivo, com composições como Raiz, Dança dos Camponeses e todos os Cantos (de Rua, do Amor, do Amanhecer, de Trabalho, de Embalar, de Primavera). Conta com o acompanhamento à viola por Luísa Amaro.

7 - Canção para Titi (Inéditos gravados entre 1990 e 1993 - editado em 2000)

Coletânea de composições inéditas gravadas entre 1990 e 1993, inspiradas na sua infância em Coimbra, onde se incluem Escadas do Quebra Costas, Arcos do Jardim, Arco de Almedina, Uma Canção para a Minha Mãe e a composição Canção para Titi que dá nome ao álbum. Considerado uma espécie de testamento musical de Carlos Paredes, lançado em 2000, já na fase de doença, que o impediu de tocar nos últimos 10 anos da sua vida e acabaria por o vitimar em 2004. Foram as últimas composições que gravou, algumas delas já em esforço pela Mielopatia, doença que já o atormentava em 1993.

8 - Na Corrente (1996)

Compilação que reúne todo o material inédito que Carlos Paredes havia gravado para a Valentim de Carvalho até 1980 e ainda não havia sido editado: os seis temas que haviam ficado completos nas sessões de gravação de 1973 (“A Montanha e a Planície”, “Dança dos Montanheses”, “Dança dos Camponeses”, “Os Senhores da Terra”, “Em Memória de Uma Camponesa Assassinada” e “Sede e Mor-

10 - O Mundo segundo Carlos Paredes (2003)

Para assinalar 10 anos do retiro forçado de Carlos Paredes, a EMI VC lança a obra completa de Carlos Paredes, numa caixa de 8 CD’s, acompanhada de uma biografia.

Ao longo da sua vida gravou, ainda, diversos EP’s: 1962, Carlos Paredes - 1963, Guitarradas sob o tema do filme ‘Verdes Anos’ - 1968, Porto Santo, Fantasia, Romance nº2 (EP’s) - 1971, vários EP’s, incluindo Movimento Perpétuo.

Colaborações

Carlos Paredes também compôs para cinema, teatro e televisão. Destacam-se as bandas sonoras dos filmes Os Verdes Anos (1963) e Mudar de Vida (1966), ambos do realizador Paulo Rocha, onde a sua música não é apenas um complemento, mas parte essencial da narrativa. Participou em programas de televisão, como O Oiro e o Trigo, 1975, programa de carácter musical com interpretações instrumentais de Carlos Paredes e Fernando Alvim, que constituíam uma peça musical de homenagem a Catarina Eufémia. Colaborou, ainda, na gravação de álbuns de outros autores e artistas, como Manuel Alegre (É preciso um país, 1974, audio-book de textos lidos por Manuel Alegre, com música improvisada de Carlos Paredes), António Vitorino d’Almeida (Invenções Livres, 1986), Cecília de Melo (Meu País, canções, 1970) Registam-se, ainda, diversas participações em gravações com Artur Paredes, Augusto Camacho Vieira, Rui Veloso, Madre de Deus, Luiz Goes,

Adriano Correia de Oliveira, Carlos do Carmo, Charlie Haden (contrabaixista de jazz norte-americano), entre outros. Já após a sua morte (2004) foram editadas várias coletâneas e antologias de temas de Carlos Paredes, alguns remasterizados (2010, A Voz da Guitarra; 2014, Essencial).

Legado

A influência da música de Carlos Paredes ultrapassa gerações e géneros, estende-se muito além da música tradicional portuguesa, inspirando músicos de jazz, música erudita e world music. Mesmo após a sua morte em 2004, o legado de Carlos Paredes continua vivo, lembrando-nos o poder transformador que um verdadeiro artista pode ter sobre um instrumento e uma tradição musical. A sua música foi reeditada várias vezes e o seu nome permanece associado à excelência musical. Após a sua morte, surgiram inúmeras homenagens, desde livros a documentários, tributos por outros músicos, reafirmando o seu estatuto de mestre. Em 2025, comemora-se o centenário do seu nascimento, com uma programação variada ao longo do ano (concertos, colóquios, livros) em Portugal e no estrangeiro.

Conclusão

Carlos Paredes fez da guitarra portuguesa um instrumento de expressão universal. A sua discografia, embora contida em número, é vasta em emoção, técnica e profundidade artística. Escutar Carlos Paredes é escutar Portugal - e ao mesmo tempo, algo que transcende todas as fronteiras. 🎸

EXPOSIÇÃO VARIACÕES

MUSEU DO FADO

TERÇA A DOMINGO
10H - 18H

PARA

CARLOS PAREDES

1925-2025

VISITAS GUIADAS

24 SET
QUA 16H

29 OUT
QUA 16H

15 NOV
SÁB 16H

26 NOV
QUA 16H

17 DEZ
QUA 16H

INSCRIÇÕES: INFO@MUSEUDOFADO.PT



CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO



MUSEU do FADO

HÁ MUITAS RAZÕES PARA SER ASSOCIADO MONTEPIO. QUAL É A SUA?

Desde 1840 que acompanhamos os portugueses com soluções de poupança e proteção que preparam o futuro e apoiam o presente, em todas as fases da vida.

Se ainda não conhece as vantagens que podem mudar a sua vida, vai querer conhecer todas as razões para estarmos consigo.

Com mais de 600 mil associados, somos poupança, proteção, saúde, experiências, cultura, e muitas outras vantagens que são a razão para tudo o que alcançamos, juntos.



Montepio
Associação Mutualista

Saiba mais em
montepio.org



Montepio Geral Associação Mutualista . IPSS. DGSS n.º 3/81 . NIPC 500 766 681
Sede: Rua Áurea, 219 a 241 . 1100-062 Lisboa



26 SETEMBRO

KATIA GUERREIRO | GISELA JOÃO

25 ANOS DE CARREIRA

HELDER MOUTINHO & PEDRO MOUTINHO

27 SETEMBRO

EM CASA D'AMÁLIA AO VIVO

POR JOSÉ GONÇALEZ COM:

**MARIA DA FÉ, ANA MOURA,
ANTÓNIO ZAMBUJO, CAMANÉ,
JORGE FERNANDO, JOSÉ MANUEL NETO**

CELEBRAM MARIA DA FÉ

**RÃO KYAO | MARCO RODRIGUES
ALEXANDRA**

E MUITO MAIS

WWW.CAIXAALFAMA.COM